

BLOCOS DE SENSAÇÕES EM CRUZAMENTOS COM A ESCRITA E IMAGENS FOTOGRÁFICAS, DILATAÇÕES, FUGAS... E... PENSAMENTO DELIRANTE¹

Maria dos Remédios de Brito²

mrb@ufpa.br

Manoel Neto³

mjneto@ufpa.br

Resumo: Digressão em blocos, uma linguagem-fluxo, é o que se pretende deixar passar entre o cruzamento textual e as imagens-fotográficas que foram expostas pelo projeto “blocos de sensações: Imagens e experiências em...”. Objetivo, deixar vaziar os poderes das imagens fotográficas junto com o movimento do pensamento. O texto ensaia as experiências das sensações (com fotografias e escrita), pois não há como não deixar de notar que a fotografia¹ também produz vulcanismos com o pensamento e com o corpo, quando os corpos se deixam sentir, quando os corpos se deixam cruzar com linhas de sensações...encontros. Nada a resultar, as atividades que cruzam escritas e fotografias mobilizam sensações.

Palavras-chave: Sensações. Fotografias. Escrita.

Résumé: De la digression en blocs, dans une langue-flux, c'est ce qu'on veut laisser passer entre l'intersection textuelle et les images-photographiques qui ont été exposées par le projet «des blocs de sensations: des images et des expériences en ...». L'objectif, c'est laisser passer les pouvoirs des images photographiques conjointement avec le mouvement de la pensée. Les expériences des sensations (avec des photos et de l'écriture), depuis ci-dessus permettent de noter que la photographie produit aussi des vulcanismes dans la pensée et dans le corps, lorsque les corps laissent eux-mêmes se sentir, lorsque les corps laissent eux-mêmes se traverser par des lignes de sensations ... des rendez-vous. Rien à résulter, les activités qui croisent des écritures et des photographies mobilisent sensations.

Mots-Clés: Sensations. Photographies. Écrit.

Nunca suscite um general em você! Nunca ideias justas, justo uma ideia.
Deleuze

ENTRE PALAVRAS, TEXTOS E IMAGENS FOTOGRÁFICAS

Os conceitos têm vida, alertam Deleuze e Guattari (1992). O conceito de Transversalidade, pensado por Guattari, exige uma vida mobilizada pela criação do pensamento em todos os seus movimentos, suas conexões, seus dramas, suas viradas, suas tramas. Toda relação do pensamento com o fora, com o novo, com a criação é algo que não se sabe de antemão, principalmente quando eclode com outros campos de conhecimentos: arte, filosofia, ciência. O conceito é sempre uma

¹ Todas as fotografias usadas neste texto são de Manuel Neto e elas compõem a escritura textual.

encarnação da novidade de um pensamento que não se deixa ser ancorado pela opinião e pelas certezas, pois o pensamento não é parturiente, mas criador, como sugere Daniel Lins (2012).

A transversalidade permite ao pensamento ter a coragem de entrar em conexões com imagens, com a escrita, com a literatura, com a fotografia, desmobilizando o centro.

Concerne ao pensamento transversal uma política, uma estética, uma ética, uma fuga para inventar novos modos de pensar a vida, a existência, o que desnorteia a representação para conectar um pensamento selvagem, um devir escrita, que visa transbordar os resultados, as conclusões simplórias. Trata-se de colocar o pensamento em linhas libertárias, mutantes, nômades, que tendem a se livrar da incumbência de representar, de objetivar e de calcular.

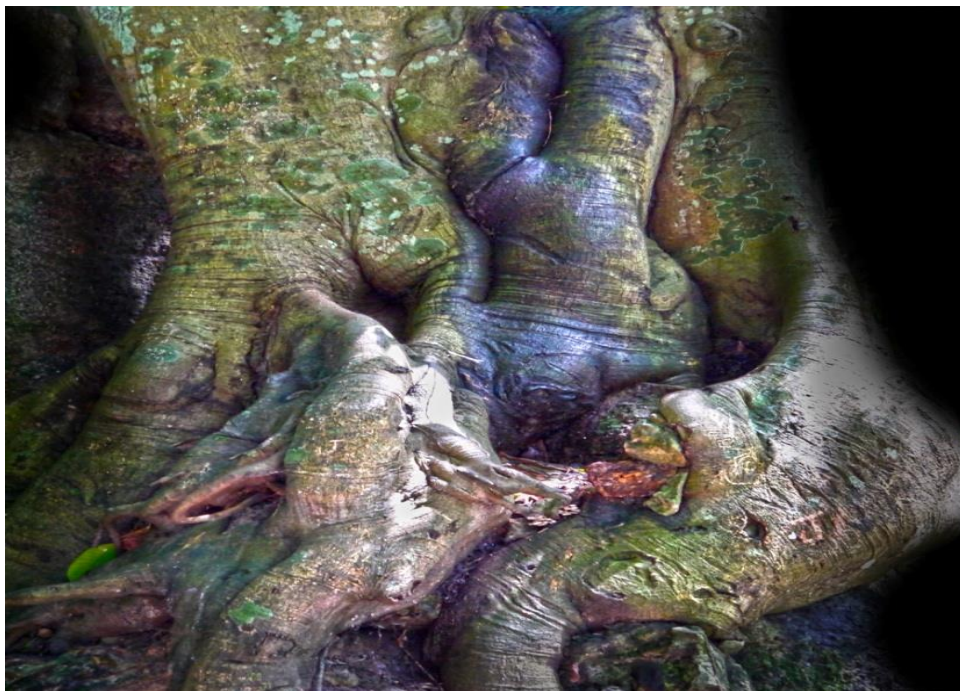
A sensação como um instante, uma força transbordante de sentidos, que delira o pensamento, o mundo, abrindo derivas para uma escrita em vácuo, em fluxo. Pois, a vida também pede socorro. Socorro! Socorro! Ela também entra em pânico, porém aponta possibilidades, impossibilidades, instiga à invenção de mundos possíveis, impossíveis, acordar à vida...não deixar asfixiar (ordem, mãe, pai, Édipo, partido, televisão, mística, psicanálise...). A vida, então, como uma grande invenção é transvalorização, sem casulos identitários, mundos imperceptíveis... Novas aberturas, um ar, uma linha... Imagens fotográficas... Fuga... Linha... E....

BLOCOS DE SENSAÇÕES: IMAGENS COMO INTENSIDADES DA DIFERENÇA - Se há linhas de segmentaridade, há linhas quebradas - efeitos, luz, cor - que são atravessadas pelas derivações, linhas de demolições, fuga... imagem-fuga, imagem caótica, ruptura, deformações...forças...Sim! pois aqui a fotografia não é entendida como imagem paradigmática que, ao capturar e registrar as emoções por via da luz, deseja efetivar uma participação do igual, gerando uma representação do mesmo. Não se entende que a semelhança gerada pela imagem fotográfica seja apenas produtora, ela é também produzida. Mão e olho do fotógrafo, "olho da máquina fotográfica", recursos tecnológicos da máquina fotográfica, perspectivismo, foco, ângulo da fotografia movimentam um trabalho criador, inventor do fotógrafo com o evento/acontecimento fotografia. A semelhança também pode surgir como um produto outro, não só via mistura de luminosidade, cor, agitações das imagens, gerando uma imagem-sensação que não é efetivamente a imagem "de". Contudo, é claro, não se pode negar imagens paradigmáticas na fotografia, assim como na pintura. Representação?

IMAGENS-DEVIR - Devir que não é imitar, progredir e nem regredir, como dizem Deleuze e Guattari (2007). Uma força, uma potência do *entre lugar*. É todo um caráter excessivo, rompendo os limites da atividade orgânica, da atividade natural, uma diferença, necessidade, turbulência; algo vai sendo conduzido como uma onda, uma não semelhança. Um grito, uma atenção para a diferença... Fotografia da dessemelhança?

Na superfície das imagens sem planos e profundidades, há algo que não se pode dizer, não se pode contar, nem representar. Há um silêncio inapreensível... Mas, há também um grito... Fragmento... Imagens que deslizam o pensamento... Menoridades... Sentidos não determinados. Paradoxalmente, a fotografia que pretende reter, conter uma temporalidade, também efetiva escapamentos, sensações...naquilo que pretende visível é potência do invisível, e ambos se comunicam por modulações sensoriais. Assim, sem intenções de escrever *sobre* as fotografias, mas escrever *pelas/com* fotografias por meios de seus atravessamentos. É o exercício que se pretende abordar.

I



Deformação... força

Potencial de deslocamento, novos perceptos, deformação...duplicidade, devir-natureza habitado por uma força de transmutação, torrentes...verde-amarelo, seco, cores, devir-artista...

II



Folha-amarela, gestação de um terceiro acontecimento, força do pensamento, pensamento sem imagem, transmutação, outra coisa vaza, passa... atravessa outra luminosidade..

III



Pequenos acontecimentos, saltos, olho, olho-máquina, mão-máquina, corpo, um click... um olho dobrado, duplicado, misturado, sem representação, algo se mexe, o olho um fluxo, um movimento, algo salta do código, imagem-intensidade...

IV



Copo de leite

Corpo diluído, branca imagem, um ponto, um deslocamento??

V



Blocos de ondas

Quando a fotografia não se deixa representar, mas é atravessada pela narrativa calada do fotógrafo visualizador de imagens, de encontros... uma fotografia, um acontecimento guardião dos sentidos, uma percepção, uma dança, sedução, traços, uma marca da memória, uma intensidade. Corpo? Corpo sem órgãos?? Um exercício... Sem clichê, sem doxa... também uma força

CAPATURA... MOVIMENTO... Dar visibilidade à força, à captura de um acontecimento que atravessa não só o corpo do fotógrafo na sua singularidade, mas o dos seus observadores nas suas singularidades. O pensamento torna-se uma linha e não um ponto; torna-se uma cartografia intempestiva, que liga outros domínios, que liga sensações... sensações! Mas, como foi que a atividade/experimentação “blocos de sensações” mobilizou a ideia de sensações? Não se tem dúvida que Deleuze (2010) promove essa digressão de forma exemplar em seu livro *Francis Bacon: a lógica*

da sensação. Com o ar deste livro se entende que as sensações são como um vento, um movimento, uma força, uma metamorfose, um grito, uma crueldade, uma onda que as imagens (as dessemelhantes/transfiguradas) cavam quedas, curvaturas, forças, formigamentos, abalos, que tocam os pontos notáveis de cada corpo. Essas sensações cruzam linhas segmentárias, linhas de territórios/desterritoriais que tocam dimensões singulares, dilatam e retraem corpos, mobilizam e desmobilizam sentidos, efeitos, deixam a narrativa do eu essencial para uma narração que se desenvolve na superfície do corpo, na profundidade da pele, na sensibilidade do olhar, em que se pode inscrever o corpo sem órgãos, em que toda narrativa, inclusive imagética, já não é uma representação.

Sensações quando atinge não a consciência, mas efetivamente o sistema nervoso, o excesso, a emoção vital, as modulações, as transformações...

“EU NÃO SOU” - Corpo experimentador, corpo selvagem, corpo sensação, corpo vazado, corpo esburacado... o corpo pode ser atravessado por outros meios, encontros, que não consiste na natureza disso ou daquilo exclusivamente, mas nas relações entre, relações transversais em que efeitos podem ser produzidos e inventados quando o corpo não suporta mais “eu sou aquilo!?”, “eu sou assim!?”. Puro imediato, sem conceito, sensações. Onda pura, movimento intensivo, força, dança da sedução, consciência sem relevo, corpo intercruzado por linhas superpostas de acontecimentos. Experiência! Experiência imagética, corpo perfurado em um conjunto extraordinário de relações outras, sem necessariamente senti-la em consciência. Eu não sou!

ZONAS, ENCONTROS, ENTRE... As experiências por meio de imagens-fotografias suscitam um convite ao observador/experenciador de si, experenciador dos seus órgãos, um improvável, uma incerteza, uma espécie “eu não sei o que sou”, buscas não edipianas e narcísicas, pois o problema não é “sou!”, mas antes um convite para um devir inumano, devir-animal, devir-natureza, devir-máquina, devir-corpo, tentativa de desfazer a organização do humano, desfazer a organização do corpo e deixar vazar, passar uma intensidade no corpo, em que cada singularidade pudesse deixar ser atravessada por uma certa zona, seja ela lenta, contínua, vaga ou veloz... uma zona! Sentido suas próprias zonas, as populações, os povos, as tribos, os grupos, as espécies que os atravessam ou habitam. Uma zona do delírio... delírio... uma sensação.

Ah! será que não posso delirar sobre meu próprio corpo que não é um eu, mas uma multiplicidade? O que me impediria? Qual a lei do interdito?

Não! Não! à língua terrorista e aos discursos terroristas, mas que se façam intercessões com coisas, pessoas, livros, literatura, fotografias, animais, plantas, árvores, máquinas. Tudo o que importa são os encontros e suas zonas...

Despersonalizações! Contágios...

CONTÁGIOS... Se as imagens-fotografias suscitam um pensamento desastre é por insistir que o pensamento desfaça a tortura da representação e convida o observador/experienciador de si desenvolver um ritmo, uma curvatura, um corpo-poema, corpo-cruel, corpo-vazado-dançante, onda deslizante, que levam às figuras, às sensações, às imagens, às cores, à velocidade, que são postas em cortes e fluxos. Essa sensação gagueja a linguagem e o corpo. Tudo é uma maneira, um modo, um efeito de existência, uma maneira de sentir o mundo, de sentir a si mesmo como uma potência, ligado à recusa de um corpo organicista, linear, sedentário... Contágios... contágios!

PASSAGENS... O pensamento é uma potência de desterritorialização, deslizando com o fora, com os signos, com os problemas. Desfazer o pensamento binário é provocar as intensidades, variações. Não importa os signos quando o cérebro é inundado por sensações, perceptos, afectos. As vozes outras permitem saltos, disjunções quando o pensamento é abalado por um fora e desenvolve golpes, figuras, escritas impossíveis, quase inesperadas, que pousam e voam por meio de um pensamento transmutável, móvel, viajante. Para promover outros murmúrios, ruídos, gritos, desfazer os órgãos. O pensamento desastre nos convoca para uma nova saúde que grita, canta, sente, chora, goza, sangra, perde-se vida, morte, solidão ativa, encontro, alegria, intensidades...

O encontro com as imagens-fotográficas revestido de uma força-criança, força-minoritária, pensamento invenção, imaginação, circulação. Devir-criança que não quer dizer devir-inocência para promover os outros modos para razão, outras tintas e linhas para a escrita, outros olhares para a vida, outras imagens provocantes, como diz Deleuze (1997): "fabular outros povos". Esse é o convite da escrita delirante, do pensamento das intensidades. Que cada um faça seu próprio delírio, que cada um transborde.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. **O que é Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. v. 4. São Paulo: Ed 34, 1997.

LINS. D. **Estética como acontecimento: o corpo sem órgão**. São Paulo: Lumme, 2012.

¹ O presente trabalho intitulado: “Blocos de sensações...”, faz parte de uma atividade ligada ao projeto “Autobiografia, Arte, Cinema e (form)ação”¹, aprovado pelo CNPQ, realizada pela Universidade Federal do Pará-UFPA, em 2013, sob orientação da professora Dra. Sílvia Chaves. Tal atividade teve como objetivo principal promover sensações, potencializar força de desconstrução do corpo cognitivo para promover abalos, fissuras, fluxos, vulcanismos sensoriais com o pensar, desmobilizando os órgãos, por meio de experiências com a arte (pintura, fotografia, cinema, música, literatura...). Nesse sentido, as questões que perpassaram à atividade de experimentação foram: quais pensamentos-imagens podem ser mobilizados? Que fluxos são possíveis na experimentação desses blocos de força e cores de sensações? Em que sentido o corpo pode sofrer dilatações e rasuras para além do organismo? Tal experimentação foi mobilizada a partir dos signos da filosofia da diferença de Gilles Deleuze. A atividade foi, sobretudo, tomada por um ar, por um respiro, do que propriamente pelo trato com o conceito filosófico desse autor. A atividade/experimentação teve como instalações objetos materiais para serem tocados, sentidos; livros de literatura libertária; pinturas; música e fotografias, com a finalidade de narrar, libertar sentidos, intensidades, esburacar o corpo, rabiscar a linha, fazer a fuga. Contudo, para a exposição desta apresentação, serão destacadas apenas algumas imagens fotográficas¹, como imagens-sensações. O motivo da escolha pela fotografia dá-se meramente por tê-las em registro. Experimentar blocos de sensações por meio de imagem fotográfica é uma espécie de “captura” de um acontecimento, que pode movimentar outros acontecimentos nos corpos que as observam, dilatando as sensações, o olhar para outros movimentos intensivos e criativos, o que pode abrir válvulas de sensações, que possam atingir o sistema nervoso e suscitar novos perceptos e afectos para além de uma imagem-pensamento do julgamento.

² Graduada em Pedagogia, Filosofia, mestre, doutora e pós-doutora em Filosofia da Educação. Professora da UFPA/Instituto de Educação Matemática e Científica. Coordenadora do Grupo “Transitar”, membro do Grupo de Estudos “Cultura, Subjetividade e Educação”. Trabalha nas intercessões da filosofia e educação, com a filosofia da diferença (Nietzsche, Foucault, Deleuze e Guattari).

³ Graduado em Física, desenhista, pintor, fotógrafo e professor da UFPA/Instituto de Física.